

## Quando o defensor da verdade ensina a mentir

Thiago Borges de Aguiar<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo partimos da imagem construída historicamente sobre Jan Hus, clérigo tcheco do século XV, como defensor da verdade e analisamos um trecho de uma de suas cartas na qual ele propõe a seu discípulo uma “mentira” para evitar que este seja acusado e preso. Interpretamos esta suposta mentira a partir do conceito de verdade para Hus e suas múltiplas interpretações.

**Palavras Chave:** verdade, Jan Hus, cartas.

**Abstract:** In this article we start from the historically constructed image of Jan Hus, Czech priest of the fifteenth century, as the defender of truth and analyze an excerpt from one of his letters in which he proposes to one of his disciples a "lie" to prevent him from being accused and arrested. We interpret this alleged lie from Hus' concept of truth and its multiple interpretations.

**Keywords:** truth, Jan Hus, letters.

Quando somos crianças, olhamos para o mundo ao nosso redor e classificamos as coisas que vemos em certo ou errado, justo ou injusto, bom ou mau. Aprendemos que “a verdade está sempre correta” e “a mentira tem perna curta”. Porém, quando olhamos para uma pessoa que está mal vestida e dizemos que “sua roupa é feia”, levamos bronca. E não adianta discutir, dizendo que “é a verdade” e que “a verdade deve sempre ser dita”. A partir disso, crescemos e aprendemos que no mundo não há apenas verdade e mentira, mas há “tristes verdades”, “verdades perigosas”, “verdades por inteiro”, “pseudo-verdades”, bem como “mentirinhas”, “mentira deslavada” ou “estou apenas omitindo”.

Se essas nuances da linguagem abrem caminho para uma realidade mais complexa do que o pensamento concreto infantil enxerga, situações extremas fazem-nos voltar para a polarização entre certo e errado, levantando problemas éticos sobre o lugar da verdade em nossa sociedade. É o caso de pessoas que morreram em defesa da verdade. Nosso olhar para essas pessoas está carregado de uma expectativa de coerência entre fazer e dizer. Da mesma forma que a descrença política da atualidade leva-nos a não nos espantar diante de uma mentira descoberta pela mídia, esperamos de uma pessoa que entregou sua vida em defesa da verdade, nunca proferir ou incentivar uma mentira por conveniência.

Propomos, neste texto, a análise de um desses casos extremos, ocorrido no início do século XV. Observaremos o modo como o clérigo Jan Hus, cujo martírio no fogo foi um dos estopins do movimento reformador da igreja tcheca, defendeu a verdade até sua morte, mas, em uma de suas cartas, propôs uma atitude um tanto diferente. Essa análise favorecerá nossa compreensão sobre o conceito de verdade defendido por Hus em diálogo com as situações cotidianas que exigiam respostas práticas de sua parte. A figura de Hus é emblemática nessa problematização, visto que ele assume papéis opostos dependendo de quem observa: de herege, para a Igreja Católica da época; a santo, para alguns de seus seguidores.

---

<sup>1</sup>. Pedagogo e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado FAPESP/FEUSP. Pesquisador do Grupo de Estudos História da Educação e Religião da Faculdade de Educação da USP. E-mail: tbaguiar@usp.br.

O estudo deste caso não tem por finalidade uma exortação de ordem moral, nem o estabelecimento de uma sentença do tipo “honesto” ou “mentiroso”. Queremos, sim, explorar a complexidade das ações humanas diante de situações-limite em relação à defesa de princípios éticos e religiosos. Para isso, utilizaremos como fonte principal as cartas que escreveu ao longo de sua vida, das quais, uma centena chegou até nós. (AGUIAR, 2010, p. 37 e seguintes)

### **O mártir da verdade**

Quando olhamos para a bandeira da presidência da atual República Tcheca, encontramos a expressão “Pravda Vítězí”, que significa “A verdade vence”, em tradução livre. Esta expressão é considerada um lema utilizado pelos seguidores de Jan Hus, tradicionalmente conhecidos como Hussitas e foi utilizada como mote interpretativo da figura histórica de Hus. Pouco tempo após sua morte, um então estudante da Universidade de Praga, amigo pessoal do clérigo e secretário da viagem que Hus fez da Boêmia para a cidade de Constança chamou-o de “eminente pregador da verdade evangélica” (SPINKA, 1965, p. 234). A igreja dos Utraquistas, um dos grupos seguidores de Hus, tratavam-no por “Santo Jan Hus”, venerando-o no dia de seu martírio, 6 de julho (ATWOOD, 2009, p. 101).

Martinho Lutero, reformador alemão do século XVI, escreveu estas palavras sobre Hus: “Se tal homem for considerado um herege, nenhuma pessoa sob o sol pode ser visto como um verdadeiro cristão. Por quais frutos, então, reconheceremos a verdade se ela não for mostrada pelos que tão ricamente adornaram Jan Hus?” (apud BONNECHOSE, 1846, p. 4). Uma defesa ainda mais enfática, associando Hus à verdade, foi feita por um de seus biógrafos, o historiador protestante francês do século XIX, Émile de Bonnechose:

Medita a respeito da vida dele, leia suas cartas – suas cartas tocantes onde se manifestam a alma mais cândida e o fervor mais santo. Veja que amor pelo bem, que horror pelo mal, que devoção pela verdade! Veja como ele viveu e como ele morreu. Feito isso, coloque a mão em seu coração e diga ‘eu sou mais cristão que esse homem’. Aí, então, você pode insultá-lo. (BONNECHOSE, 1844, p. 7-8)

Na virada do século XIX para o XX, a imagem de Hus como símbolo da nação tcheca era bastante forte. O historiador canadense Tim Chodan (1999, p. 65) conta-nos que, em 1915, já havia 19 estátuas na Boêmia e na Morávia. Nesse ano, com a celebração do aniversário de 500 anos da morte de Hus, multiplicavam-se anúncios de venda de textos sobre ele nos jornais. Naquela época, os intelectuais tchecos associavam a imagem de Hus à nação. Ele era o símbolo de ser tcheco. Mais à frente, ele complementa (*idem*, p. 78): “Por meio de Hus os tchecos aprenderam que eles eram éticos, educados, sábios, humanistas, pacíficos, honestos e desejosos de se sacrificarem pela verdade.”

O historiador da igreja norte-americano Craig D. Atwood, em obra recente sobre a teologia dos Hussitas, afirma que:

Talvez o melhor legado de Hus seja seu lema “A verdade conquistará”. A verdade não é uma questão de repetir clichês familiares em voz alta ou com frequência, ela é um processo de discernimento de tal modo que faça sentido para cada geração. Isto, mais do que os problemas

específicos sobre os quais Hus escreveu ou as ideias teológicas que ele promoveu, permanece seu legado duradouro. (ATWOOD, 2009, xiv)

Em sua carta escrita no exílio, em junho de 1413, para um de seus amigos em resposta ao *Consilium* da Faculdade de Teologia da Universidade de Praga que julgava as posições defendidas por Hus, o clérigo escreve a frase que virou seu lema e legado: “Aquele que diz a verdade, terá sua cabeça quebrada. Aquele que teme a morte, perde a alegria da vida. A verdade conquista todas as coisas.” Mais à frente, na mesma carta, ele nos dá indícios<sup>2</sup> de sua visão da verdade: “Bem aventurados sois quando os homens vos injuriarem, disse a Verdade.” Em referência ao evangelho de Mateus (5, 11), toma Jesus por Verdade.

## O estranhamento

Este clérigo que causou tamanha repercussão a ponto de ser considerado um mártir da verdade, defendendo o Cristianismo, escreveu em uma de suas cartas uma frase que nos causou estranhamento. Em 16 de junho de 1415, para seu discípulo Martin de Volyně, ele escreve:

Não tema morrer por Cristo se você desejar viver com Cristo. Pois ele disse ‘Não tema àqueles que matam o corpo, pois eles não podem matar a alma’. Se eles o acusarem de ser meu partidário, diga ‘Eu espero que o Mestre tenha sido um bom cristão, mas o que ele escreveu e ensinou sob protesto nas escolas, eu não entendi completamente nem li com atenção.’ Pois eu suponho que seja isso mesmo. Mas eu espero, na misericórdia de Deus e com a ajuda dos homens bons, que eles deixarão você seguir em paz, embora Pálec e seu grupo façam de tudo para condenar todos os meus seguidores. (grifo nosso)

Aqui, Hus ensina Martin a fugir das acusações para que ele não seja preso, como estava o próprio Hus quando escreveu esta carta. No entanto, essa fuga consiste numa mentira: Martin deveria dizer que não entendeu completamente e nem leu com atenção aquilo que seu mestre lhe havia ensinado. Embora a frase seguinte, “pois eu suponho que seja isso mesmo”, dê margens à interpretação de que Hus achasse que seu discípulo não o tivesse entendido, outros elementos da própria carta e do contexto no qual ela foi escrita levam-nos a preferir a hipótese de seu conselho estar baseado numa mentira.

Em primeiro lugar, essa carta foi escrita para seu “mais amado discípulo e irmão em Cristo”, como aparece na saudação do mesmo texto. Martin exercia um papel especial na rede de relações de Hus. Foi ele o destinatário de outra carta de outubro de 1414, escrita como testamento moral e material do clérigo da Boêmia, antes de iniciar sua viagem para Constança. Sabendo que ele poderia nunca mais voltar dessa viagem, visto que suas ideias sobre a Igreja poderiam não ser bem aceitas no Concílio prestes a se instaurar, Hus deixa instruções sobre como proceder com seus bens e faz uma síntese de seus principais ensinamentos. Esta carta só deveria ser aberta caso Martin recebesse informações seguras da morte de seu mestre. Este é um forte indício da confiança que Hus depositava em seu discípulo.

---

<sup>2</sup>. Este conceito é utilizado a partir da obra do historiador italiano Carlo Ginzburg. Em outro artigo, apresentamos uma síntese das potencialidades desse conceito e seus usos na História da Educação. Ver Paula Leonardi; Thiago Borges de Aguiar. As potencialidades do uso da obra de Carlo Ginzburg para a História da Educação. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. V, p. 107-123, 2010, disponível em [http://www.pos.ufs.br/educacao/revista\\_tempos-5.pdf](http://www.pos.ufs.br/educacao/revista_tempos-5.pdf).

Como consequência do primeiro aspecto, se Martin era digno de tamanha confiança, a ponto de receber instruções escritas de como proceder diante da morte do Mestre, Hus confiava na qualidade de sua leitura. Ele não enviaria, dada a diversificada rede de relações que possuía (AGUIAR, 2010, p. 61 e seguintes), tal carta para alguém que não a “leria com atenção”.

Corroborando este segundo elemento, encontramos na carta de outubro de 1414, trechos que caracterizam uma intenção de ensinar da parte de Hus o que, por meio de sua escrita, reforça a importância de seus ensinamentos: “Lembre-se que, desde sua juventude, eu lhe ensinei a servir ao Cristo Jesus, e eu gostaria, se tivesse sido possível, de ter lhe ensinado em um dia tudo o que eu sabia.” Se Martin “não entendeu completamente” o que Hus lhe ensinou é porque o mestre não pôde ensinar tudo e não porque o discípulo não teria condições para entender.

Hus, talvez, esteja afirmando que Martin poderia alegar ignorância perante seus ensinamentos, visto que ele não ensinara tudo. Isso, porém, é um subterfúgio, aquela “omissão para não mentir”, pois está claro que seu discípulo era um apoiador e, como tal, concordava com a visão de mundo do mestre.

No entanto, se como Hus afirmou Martin não deveria “temer morrer por Cristo”, por que, logo em seguida ele o ensina a fugir de acusadores como Pálec? Seria este um daqueles momentos de contradição na escrita, na qual o autor, logo após escrever algo, para, reflete e propõe algo diferente? Ou então, na pressa da escrita, Hus entregou ao leitor sua contradição entre defender a verdade e sofrer por ela. Para nós, está ficando cada vez mais claro que não se defende a verdade tranquilamente.

### **A defesa da verdade**

A defesa da verdade ocorre com frequência na correspondência hussita (AGUIAR, 2010, p. 89 e seguintes). Vejamos alguns exemplos de como ele o faz em seus escritos. Em carta escrita aos habitantes da cidade de Plzeň, próximo a outubro de 1411, Hus afirma que se conhece a verdade por meio da leitura bíblica em língua vernacular e a compreensão dessa verdade leva à sua defesa, como antes escreveu na carta em admoestação:

Após escrever esta carta, eu recebi outra na qual se afirma que alguns clérigos proibiram a leitura da escritura em tcheco ou alemão vernaculares. (...) é num grande pecado que vocês caíram, longe da verdade, especialmente aqueles dentre vocês que aprenderam e possuem a compreensão. (...) Agora, vocês têm o argumento daquele grande santo [São João Crisóstomo] da palavra do Cristo ‘Não tema aqueles que matam o corpo’. Todo aquele que, seja clérigo ou leigo, conhece a verdade deve defendê-la até a morte, caso contrário, ele é um traidor da verdade e, portanto, também do Cristo.

Por essa verdade, vale a pena morrer, como afirma em várias outras passagens. Na carta pastoral escrita próximo do natal de 1412, ele afirma: “quanto a fugir da verdade, confio que o Senhor me dará a oportunidade para morrer por ela”. Ou então em outra escrita antes da viagem para Constança, na mesma época da primeira carta para Martin de Volyně, na qual Hus afirma que ensinou a verdade e “se minha morte for a Sua vontade e nossa vantagem, que a Ele agrade que eu encontre o sofrimento sem o medo excessivo”. Outra carta pastoral, escrita em 4 de novembro de 1414, termina com “Rezem a Deus pela constância na verdade”.

Em 16 de novembro de 1414, pede a Deus para que ele possa ter “sabedoria, paciência, humildade e coragem para permanecer firme na sua verdade”, bem como aconselha seus leitores, inspirados no sofrimento de Cristo, a “se você mantiver seu sofrimento na mente, você passará alegremente pela oposição, injúria, difamação, violência e prisão e, se for da vontade Dele, até mesmo a morte do corpo por Sua santa verdade”.

No total das trinta e quatro cartas escritas em seu último mês de vida, de 5 de junho a 5 de julho de 1415, o tema da verdade aparece em onze, exortando seus destinatários a permanecerem firmes nela, chamando seus opositores de “inimigos da verdade” ou considerando como verdade aquilo que escreveu e ensinou.

Em cerca de 20 de junho de 1415, Hus escreveu a um prelado do Concílio, chamando-o apenas de “Pater”, provavelmente porque seria perigoso identificá-lo na carta (SPINKA, 1972, p. 173). Agradece por sua “graça gentil e paternal”, mas recusa a fórmula de retratação que seu correspondente lhe sugerira por escrito porque

assim eu teria que condenar muitas verdades que eles chamam de escandalosas, como ouvi deles mesmos, ou cairia em perjúrio se eu me retratasse e confessasse que acreditei nos erros. Desse modo, eu escandalizaria a muitas das pessoas de Deus que me ouviram pregar o contrário.

E, mais para frente, complementa:

De fato, para mim seria mais vantajoso morrer do que, para evitar uma punição momentânea, cair nas mãos do senhor e depois, talvez, no fogo e na desonra eternos. Porque apelei para o Cristo Jesus, o juiz mais poderoso e justo, entregando a ele minha causa, eu me submeto à sua mais santa decisão e sentença, sabendo que ele irá julgar e recompensar a cada homem não de acordo com o falso testemunho ou com os conselhos errôneos, mas de acordo com a verdade e com o mérito.

Em resposta à carta de Hus, esse membro do Concílio tenta convencê-lo a abjurar, apelando para a inteligência de Hus, mostrando-lhe que julgar a verdade a partir do pensamento de uma só pessoa pode levar ao erro:

Com relação ao primeiro [item], caro e amantíssimo irmão, não se perturbe como se você estivesse condenando a verdade, pois quem está julgando são eles, seus e nossos superiores, e não você. Preste atenção a estas palavras ‘Não dependa da sua sabedoria’. Há muitos homens inteligentes e conscienciosos no Concílio. (...) não existe heresia se você cessar com a obstinação. Agostinho, Orígenes, o Mestre das Sentenças etc. erraram, mas alegremente voltaram. Eu muitas vezes acreditei que tinha entendido bem algo que eu errara, mas sendo corrigido, voltei regozijando-me. Além disso, eu escrevo brevemente porque escrevo para um homem inteligente. Você não irá fugir da verdade, mas render-se à verdade. Você não fará pior, mas melhor. Você não causará ofensa, mas edificação.

A carta deste membro do concílio mostra que o debate da verdade era parte importante do julgamento de Hus. Ambas as partes consideravam-se estar próximas a

ela. Mas suas visões eram diferentes. Hus esperava por uma explicação enquanto o *Pater* recomendava uma submissão. No entanto essa submissão não era pela obediência, mas pela sabedoria dos membros do Concílio. Ele apelou para a consciência do clérigo da Boêmia, insistindo que poderia haver algo que estava errado no seu pensamento, bastava que ele deixasse de ser obstinado em sua posição. É justamente essa obstinação que o levou à condenação, mas também é por ela que se construiu a imagem de mártir defensor da verdade.

Para Spinka (1972, p. 176), não está claro se outra carta que Hus escreveu também em cerca de 20 de junho é uma continuação ou não desse diálogo, visto que nela Hus retoma os mesmos argumentos. Concordamos com ele, mas, mesmo que não seja uma resposta direta ao *Pater*, pensamos que o trecho final lhe responderia claramente:

Portanto, para meu encorajamento [a história dos] sete mártires, filhos da viúva de Macabeus, ocorreu-me. Eles preferiram ser cortados em pedaços a comerem a carne contrária à lei do Senhor. Também me lembro de São Eleazar, que, como está escrito, recusou-se mesmo a dizer que tinha comido a carne proibida pela lei, para não deixar um mau exemplo à posteridade, mas preferiu enfrentar o martírio. Como, portanto, tendo esses exemplos diante de meus olhos e de tantos santos homens e mulheres da Nova Lei, que se ofereceram ao martírio ao invés de consentir com o pecado, posso eu, que por tantos anos preguei a paciência e a constância, cair nas mentiras e no perjúrio e ofender a tantos filhos de Deus? Bem longe de mim!

Defender a verdade é seguir os exemplos dos mártires retratados na Bíblia, sustentando uma interpretação correta das escrituras, que Hus supunha apresentar. Para entendê-la, ele pede “sabedoria, paciência, humildade e coragem”, tendo o Cristo como modelo principal. Mentir é o mesmo que negar o próprio Cristo e ofender o exemplo dos mártires.

### **Uma interpretação da verdade**

A visão de Hus sobre a verdade não era, porém, a mesma que os membros do Concílio de Constança apresentavam. A Igreja, no Concílio de Constança reforçou suas posições contra Hus e continuou a considerar heréticos os seguidores deste ao longo dos séculos seguintes, que apresentavam concepções um tanto diferentes das canônicas.

Na análise do legado que a União dos Irmãos, grupo Hussita dos séculos XV a XVII, Atwood (2009, p. 403) oferece uma síntese das consequências do pensamento de Hus:

O compromisso com o aprendizado e a mudança contínuos é, por si só, uma das consistências da doutrina da União. A recusa em confundir verdades relativas de afirmação doutrinária humana e interpretações bíblicas com verdades eternas conhecidas apenas por Deus foi uma das maiores contribuições da Irmandade para o pensamento cristão. Eles entenderam que afirmações doutrinárias podem e devem se modificar ao longo do tempo. O lema de Hus era “a verdade conquistará” e a contínua busca pela verdade, ao invés de ser uma regurgitação habitual do dogma recebido, é um importante aspecto do legado da União. A

União reconheceu que a compreensão humana da criação de Deus e da sociedade humana continua a crescer e se modificar. Mas mesmo enquanto cresce o conhecimento do mundo, as questões fundamentais da existência humana permanecem.

Essa contínua busca pela verdade, modificando as questões menores e cotidianas em função das mudanças no mundo, mantendo as questões essenciais, não estão claramente presentes nos escritos de Hus que encontramos até o momento. Ela fica clara apenas nas consequências do pensamento de Hus em seus seguidores. Porém, o gérmen desse pensamento já estava nas propostas deste clérigo e é esse gérmen que nos fornece uma chave para entendermos sua “mentira”, ou mais especificamente, o suposto não entendimento de Martin.

Mesmo que seu discípulo entendesse claramente as posições de Hus, elas possuíam elementos passageiros, visto que as questões doutrinárias podem se modificar ao longo do tempo. Martin poderia, portanto, entender a verdade de outra forma, visto que todos tinham acesso às escrituras em língua vernacular e poderiam conversar sobre elas, mesmo entre aqueles que não tinham formação universitária e soubessem o latim. Hus não tinha como saber tudo e, não entender completamente nem ler com atenção era, de fato, um exercício de humildade e defesa da verdade que estava completa apenas com Deus e não com a interpretação que o clérigo fazia dela.

Embora estivesse morrendo pela verdade, Hus nunca teve a certeza de conhecê-la por inteiro, visto que a compreensão da verdade sempre mudava. Ele frequentemente pediu que se alguém do Concílio pudesse lhe explicar, com base nas escrituras, onde ele estava errado, ele imediatamente se retrataria. Os membros do Concílio, porém, sustentavam, apenas, que ele deveria obedecer à decisão deles. É o que Hus afirma em sua última carta, de 5 de julho de 1415:

Primeiro, que em muitas audiências particulares e, posteriormente, nas públicas do Concílio, eu protestei por minha vontade de submeter-me às explicações e direções, revogações e punições, desde que eu recebesse a explicação de qualquer coisa que eu tenha escrito, ensinado ou dito em resposta fosse contrário à verdade. Cinquenta doutores, delegados do Concílio, como disseram, frequentemente repreendidos por mim na audiência pública do Concílio por causa de suas falsas extrações dos artigos, não estavam dispostos a me dar qualquer instrução particular. De fato, eles não estavam dispostos a debater comigo, dizendo “Você deve ceder à decisão do Concílio.”

Hus não cedeu e foi queimado na fogueira, acusado de ser um heresiarca. Martin não foi acusado e sabemos que participou do movimento Hussita (Atwood, 2009, 103). Se nossa chave de interpretação da mentira de Hus como uma defesa da constante mudança nas interpretações da verdade estiver correta, então Martin deve ter seguido o conselho do mestre.

No entanto, isto é apenas uma das interpretações possíveis. O conselho de Hus pode ter sido, de fato, um pedido para que Martin não sofra tudo o que ele estava sofrendo. Pode ter sido um recurso à mentira que, convenientemente, ajudaria seu querido discípulo a não sentir a dor que ele sentia. Porém, a despeito de todas as possibilidades interpretativas desse conselho, incluindo aquela que aqui apresentamos como nossa escolha principal, o que podemos fazer continuamente é buscar cada vez mais para que ampliemos nossa interpretação do que aconteceu naquele momento, na verdade.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, Thiago Borges de. **Jan Hus: As cartas de um educador e seu legado imortal**. 2010. 305 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ATWOOD, Craig D. **The theology of the Czech Brethren from Hus to Comenius**. University Park, PA, EUA: The Pennsylvania State University Press, 2009.

BONNECHOSE, Émile de. (ed.) **Letters of John Hus: written during his exile and imprisonment, with Martin Luther's preface and containing a general view of the works of Huss**. Tradução para o inglês de Campbell Mackenzie. Edimburgo: William Whyte & Co, 1846.

BONNECHOSE, Émile de. **The reformers before the reformation: the fifteenth century, John Hus and the Council of Constance**. Tradução para o inglês de Campbell Mackenzie. New York: Harper and Brothers, 1844.

CHODAN, Tim. **The use and abuse of Jan Hus as an historical figure in czech culture or cooking your own goose: three czech recipes**. 1999. 133 f. Dissertação (Master of Arts em História) - Department of History and Classics, Faculty of Graduate Studies and Research, University of Alberta. Edmonton, Alberta, Canadá, 1999.

SPINKA, Matthew. **John Hus at the Council of Constance**. New York & London: Columbia University Press, 1965.

SPINKA, Matthew (ed.). **The letters of John Hus**. Manchester, USA: Manchester University Press, 1972.

Recebido para publicação em 07-06-12; aceito em 11-08-12